

era uma vez o amor
gustavo santos

«Neste livro, o Gustavo transmite a necessidade urgente que os nossos alunos têm de ter mais professores “Vivos”. Vivos na missão, na capacidade de sonhar e no acreditar na magia do ensino. Vivos na disponibilidade para chegar ao coração de quem temos à frente e na força necessária para ensinar conteúdos enquanto, e ao mesmo tempo, deixamos cada aluno ganhar asas, voar e sonhar. O grande mérito deste livro está na coragem de levar o leitor, seja ele pai ou professor, a acreditar que o melhor está para vir.»

INÊS CRUZ,
MÃE E PROFESSORA DE MATEMÁTICA

«Este livro não tem protagonistas imaginários, tem verdades sobre a vida das pessoas! Este livro prende-nos, na mesma medida que nos liberta.»

SUSANA CARVALHO,
MÃE E PROFESSORA DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA

«A forma como as verdades são postas a nu vai levar a debates e a interrogações com vista à mudança do nosso sistema escolar. Após a leitura integral deste livro, o leitor sente uma vontade enorme de atuar e agir em prol da melhoria da instituição escola. É um livro de leitura obrigatória.»

LUÍS FILIPE FERNANDO,
PAI E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

«*Era Uma Vez o Amor* é um murro no estômago. Leva-nos a questionar a forma como nós pais educamos os nossos filhos e obriga-nos, quase como se estivesse a abanar-nos constantemente, a parar para pensar nas opções que fizemos e, acima de tudo, a parar para pensar nas opções que ainda iremos fazer. Este livro fazia falta. É um manual de consulta ao interior de cada educador, deixando-nos frente a frente com os nossos valores e lista de prioridades, e convidando-nos a uma reflexão profunda sobre o caminho que queremos tomar. Por uma sociedade mais justa e por novas gerações mais livres e felizes.»

CARLA ROCHA,
MÃE E LOCUTORA DE RÁDIO, FUNDADORA
DA ACADEMIA FALE MENOS, COMUNIQUE MAIS

«Este livro é um abanão para a sociedade. É uma ameaça às pessoas formatadas, para quem o parecer é mais importante do que o ser. Aqui, todas as nossas perguntas e as nossas maiores dúvidas têm a mais bonita, pura e orgânica resposta: o amor. *Era Uma Vez o Amor* é uma obra de enorme coragem. Mostra-nos que a vida é ter tempo para nós, para andar descalços na terra, mergulhar no mar, agarrar nos nossos filhos e mostrar-lhes o mundo. Traz à tona a importância dos professores apaixonados. E confronta a sociedade sem medo algum. O pior cego é aquele que não quer ver. Este livro tira a venda. Só a volta a pôr quem quer.»

JOANA TELES,
MÃE E APRESENTADORA DE TELEVISÃO

ÍNDICE

NOTA DO AUTOR	13
1 — PAIS	19
. Pais, o vosso passado já não é para aqui chamado	23
. Vocês são responsáveis	27
. Sejam uma família	33
. Redefinam prioridades e descubram a magia do tempo	39
. Pais protegidos, filhos agradecidos	45
. Os vossos filhos são mestres, aprendam com eles a arte de amar	49
. Aprender a desaprender e aprender a desobedecer	56
. Sejam felizes	61
. Ideias para a mudança	65
2 — PROFESSORES	69
. Professores, o vosso sonho não pode continuar a ser o vosso pior pesadelo	75
. A roleta russa dos concursos, a distância da família e a teia da depressão	82
. Vocês são orientadores de sonhos; dentro da sala de aula são protagonistas de uma história de amor	88
. O que veem de errado no sistema educativo? O que podem fazer para mudá-lo?	92
. Criem um plano B que vos dê o poder de perderem o medo de dizer o que sentem e de reivindicar o que merecem	99
. Escolaridade obrigatória vs escolaridade apaixonante	104
. TPCs vs TPC	110

. A culpabilização da vítima	115
. Ideias para a mudança	122
3 — SOCIEDADE	127
. A importância de desmascarar o sistema de medo que nos é imposto assim que nascemos	134
. As nossas casas e as nossas escolas estão cheias de génios que acreditam ser burros porque são sempre maus naquilo em que os obrigam a ser bons	139
. Senhor Primeiro-Ministro, a escola já não pode ser um lugar de instrução uniformizada e maciça	147
. Fim à ganância da indústria farmacêutica: uma criança não pode ser medicada por ter sintomas... de criança	155
. Fim ao regime escravagista que se passa nas empresas	162
. Comunicação Social: o lento veneno que engana, convence e mata	170
. O Orçamento de Estado e as escolas inovadoras: dos investimentos em novas infraestruturas e em mais pessoal apaixonado às novas disciplinas e às atividades extracurriculares	180
. Honrar os pilares da democracia. Respeitar a Natureza. Dar o exemplo	189
. Ideias para a mudança	194
CONCLUSÃO	201
AGRADECIMENTOS	205

Para o meu filho;
para que o(s) filho(s) do(s) filho(s)
dele possa(m) saber que homem foi o bisavô
e que missão de vida abraçou.

UMA EDUCAÇÃO COOPERATIVA E ALICERÇADA
NO AMOR NÃO É UTOPIA, É O FUTURO.

NOTA DO AUTOR

Este livro só poderia ser escrito por um ser, assumidamente, humano; um ser, assumidamente, humano que fosse, apaixonadamente, pai; um ser, assumidamente, humano que fosse, apaixonadamente, pai e, claro, que tivesse escolhido educar em amor em vez de se refugiar no medo, que defendesse uma alternativa à escola tradicional e não tivesse pudor em lutar publicamente por ela, que fosse o realizador dos seus próprios sonhos e não fosse escravo de ninguém nem dependesse do salário de nenhuma empresa em particular, que vivesse em verdade e não integrasse a demagogia de nenhum partido político nem tivesse receio de enfrentar as consequências que possam advir dessa mesma, e imensa, verdade abaixo mencionada.

Essa pessoa sou eu.

Um dia acordei e não tive dúvidas. Havia este livro para escrever, um livro diferente daqueles que habituei as pessoas a ler, ainda mais faminto de mudança, mais direcionado para a fratura dos velhos sistemas sociais do que para o

aconchego do coração desta ou daquela pessoa, enfim, um livro que tinha de chegar às tuas mãos ou sobre o qual tinhas de falar a alguém.

Comecei a escrevê-lo depois de ser pai; depois das primeiras lágrimas caídas ao testemunhar o sofrimento do meu filho de dez meses, prostrado numa marquesa fria de um hospital, sujeito a uma dor nunca antes experimentada e a qual nunca devia ter sido sentida em tão tenra idade; foi depois de ler e responder a centenas de *e-mails* enviados por pais sensatos e professores desencantados e perdidos, que me agradeciam por ser a voz deles e a coragem que lhes faltava; foi depois de me lembrar, episódio por episódio, como havia sido a minha própria educação, assaltante de sonhos e inócua de paixão; foi depois de perceber que não se pode continuar a adiar o inadiável.

Enquanto seres humanos, provenientes do amor e destinados a amar, não podemos continuar a achar normal o estado do planeta, a supremacia do medo sobre o sonho e a dor crescente das pessoas. Não podemos considerar natural que uma criança saudável vá para um infantário e poucas horas depois seja vítima de um vírus capaz de destronar a sua felicidade; não podemos achar corriqueiro as urgências dos hospitais estarem a transbordar de crianças até altas horas da noite; não podemos olhar para todo o nosso sistema educativo, para tanta angústia e desmotivação nos alunos, nos professores e nos encarregados de educação, e baixar a cabeça como se aquilo que está mal fosse demasiada areia para sequer tentarmos ligar a camioneta e ver se o motor trabalha; não podemos continuar a votar na forma como se faz política. Os infantários não são depósitos de crianças e as escolas não podem ser assemelhadas a estabelecimentos prisionais. Os pais, seja por que motivos profissionais forem, não podem largar os seus filhos doentes num lugar que, por muito amor que haja,

e há, não representa o lar da criança, não é o quartinho dela e onde os seus braços e o seu peito não estão presentes. Nenhum trabalho pode estar à frente do bem-estar de toda a família e jamais poderá predominar sobre a saúde e sobre o amor. É claro que ajuda se os pais forem protegidos face ao sistema de escravatura que envolve todo o mercado de trabalho dos dias de hoje, e essa é outra luta que temos pela frente, o direito a sermos todos humanos, mas o primeiro passo é a consciência de que a alegria de um filho é a alegria da casa inteira e que a sua dor é castigadora para todos. E os educadores, profissão pela qual tenho elevada estima, não podem continuar a desrespeitar a intuição ou a fechar os olhos perante sinais evidentes, ou não, de doença, aceitando, mesmo que excecionalmente, crianças abatidas ou sob o efeito de medicação como se nada fosse e nada daí pudesse advir para todos os colegas que partilham a mesma sala que esse filho ou filha de tal atitude irresponsável. O vosso papel é sobretudo de proteção — é assim que amam os nossos filhos.

E quando eles crescem? Quando saltam do infantil para a escolaridade obrigatória? Coitados dos nossos filhos. Eu fui um filho desses. Aquela ida para a escola parecia uma fila indiana rumo ao sacrifício. Será sustentável continuarmos a olhar para isto, para a infelicidade deles, para agonia do futuro da Terra, para a castração dos seus dons, para a formatação diária e doentia de milhões de alunos que aos poucos vão perdendo o brilho e a vontade de serem pessoas, de acreditarem no futuro e de serem tudo o que nasceram para ser? Será concebível assistirmos a isto e não fazermos nada? Será possível assistirmos na primeira fila à falta de aproveitamento escolar, à indisciplina, à carga horária passada na escola mais às horas passadas nas explicadoras, à tal farsa chamada hiperatividade — que não passa de uma conjugação entre o

abandono familiar e a ausência de paixão naquilo que são forçados a estudar —, repito, será possível sermos cúmplices desta enorme mentira e não fazermos nada? E não sentirmos compaixão por estes mestres? E não saltar de nós uma vontade súbita de reformar este ensino obsoleto e armadilhado e dar-lhes asas? Enfim, e isto é apenas um aperitivo do que aí vem; enquanto sociedade não podemos continuar a achar normal o facto de a necessidade de trabalhar ultrapassar o amor e a própria saúde de quem, supostamente, mais amamos; não podemos permitir que tantos pais sejam encostados à parede e ameaçados com despedimentos porque têm de cuidar da família; não podemos exigir aos professores que sejam educadores e pais ao mesmo tempo; não podemos continuar a colaborar, em silêncio, com o que está a adoecer as pessoas e a matar todos os seus sonhos; e não podemos, definitivamente, permanecer permissivos quando somos, constantemente, enganados pelo nosso próprio governo.

Basta!

A educação não se restringe à escola.

Ela começa em casa, passa pela escola e acaba no mundo.

É, por isso mesmo, um compromisso de todos, uma responsabilidade conjunta e a grande luta do século XXI.

Eu já me alistei. Já estou na frente da batalha. Eu e a minha família.

E por falar em família, este livro será escrito ao lado da minha mulher, para o nosso filho e para os que dele vierem. É neles que penso. Para mim, é fundamental que eles saibam que o pai, o avô e o bisavô, não se ausentou da sua responsabilidade, não se encolheu perante o que estava mal e deu tudo o que tinha para mudar o mundo. Daqui a alguns anos, o nosso filho entrará no carrossel da escolaridade obrigatória; até lá, e por isso mesmo, esta será a minha janela de tempo para mudar o que for possível ser mudado, para melhorar o que

já existe e, de consciência tranquila, poder deixá-lo à porta de uma nova escola onde mora uma nova educação, baseada na liberdade e na união, na Natureza e no sonho, enfim, num lugar onde exista uma extensão do amor que sempre viveu em casa dos pais, pois é essa a maior herança que lhe quero deixar e que gostava que, posteriormente, deixasse aos seus.

Uma nova educação, sim!

Pelos sonhos dos nossos filhos,
pela felicidade de todos,
pela vitória do amor.

1

PAIS

Ser pai ou mãe, como diz o poema, é ser mais alto, é ser maior do que os homens.

Um filho agiganta-nos.

Ele nasce para que renasça em nós a consciência do amor incondicional, algures perdida, curiosamente, quando foi a nossa vez de sermos crianças.

Todo o processo é ímpar.

Desde o momento da concepção, onde a paixão esmaga os corpos um contra o outro e um com o outro vivem a eternidade num instante; passando pela viagem da gravidez, onde o homem se dá conta do milagre ao ver na sua mulher a personificação do amor; pelo parto, onde a mãe é a família inteira e o pedaço de mundo que anseia pela chegada de tão desejada criança com tão importante missão; e, claro, por todo o processo de ambientação, adaptação e responsabilização que a chegada de uma nova alma exige até à total consciencialização da aliança familiar e de tudo o que essa ligação ancestral significa.

Como pai, confesso, sou extraordinário.

Sou presente, brincalhão, disciplinador, mas sobretudo gosto

de sentir o meu filho; amo aprender com ele e através dele saber mais de mim. Senti-lo é o que faz de mim um homem melhor, logo, um pai à sua altura, digno de o ter nos braços, de ser o motivo de tantas gargalhadas suas e merecedor da sua total confiança.

Ele já sabe, ou saberá mais tarde, que a única regra na família onde nasceu é o direito de todos serem aquilo que quiserem.

Na educação em que acredito não existem imposições, existem valores. Valores como a liberdade, a lealdade, o respeito, a paixão, a responsabilidade, a humildade e por aí adiante. Ele poderá ser e fazer tudo o que quiser desde que nenhum dos valores da família seja esquecido. Saberá que todos os sonhos serão aceites, que todas as dores serão partilhadas, que todos os problemas serão falados e que todos os erros serão perdoados. A educação em casa, ainda que lhe possa parecer outra coisa sempre que passarmos por desalinhamentos de consciências, será sempre inspirada no amor; no amor que nós pais soubemos conquistar por nós, um pelo outro, pelos outros e pela vida que escolhemos.

Pessoalmente, tive de travar uma dura batalha até atingir este ponto de rebuçado no que diz respeito ao amor, à forma como o sinto, como o faço e como o escrevo. Como tal, e legitimamente, não abro mão do que conquistei assim como não negligencio o meu passado, não escondo nenhuma dor que conheci, não esqueço todas as vezes que me senti perdido e muito menos todas as vezes que me superei e encontrei. Só o amor é real. Tudo o resto é uma mentira que nos contam e que me contaram também. E na qual acreditei. E sobre a qual quis saber mais. E na qual descobri o medo. O medo de ser quem era.

Também aconteceu contigo, certo?

Assumo, não nasci em berço de ouro. E quando escrevo «berço de ouro» não me refiro a nada relacionado com abundância material. Também não a tive, nunca a tive, mas também não é isso que define uma boa educação e muito menos uma infância feliz. Nascer em berço de ouro é estar rodeado de afeto, é acordar e adormecer num ambiente pacífico, é testemunhar o amor

entre as pessoas que nos rodeiam, é sentir que fomos e somos desejados, é faltar tudo menos o amor. Repito, não nasci nesse berço. A minha vida foi sobretudo, desde as primeiras horas até muito perto da maioridade, uma experiência de abandono e medo. Essas foram as bandeiras da minha infância e da minha adolescência. Testemunhei muita doença, muita dor, muitas lágrimas, muita incompreensão, muita ausência, muito desamor. Senti, vezes sem conta, o calor da frustração e da desilusão alheia na minha pele, senti a solidão de não ter ninguém com quem falar, a desorientação por não haver uma voz adulta que me guiasse no meio de tanta dúvida e acreditei, mais do que devia, que a minha vida não tinha sentido. A minha mãe estava quase sempre doente, o meu pai quase sempre ausente. Não é fácil crescer no meio de adultos perdidos, desfocados do que é verdadeiramente importante, entregues a medos e culpas que, respetivamente, não souberam nem quiseram enfrentar e perdoar.

Todos os filhos moldam os pais; foi por isso que cresci cheio de medos e longe de mim.

Mas o que foi, já foi. Já não é. Hoje, a minha relação com eles é preciosa.

Consegui percebê-los. Aceitá-los. Consegui, depois de desobedecer muito e de desaprender quase tudo o que me haviam ensinado, reencontrar-me finalmente com o amor, perceber que aquilo que tinha recebido deles era o melhor que me haviam sabido dar tendo em conta as circunstâncias da vida que foram escolhendo, e consegui aceitar a coragem que lhes faltou para serem quem gostavam de ter sido.

Amo os meus pais.

Foram, e sempre serão, os meus maiores mestres.

Foi através deles que aprendi a depender de mim, foi por vê-los tão angustiados com a vida que comecei a acreditar que ou tudo era possível ou nada disto fazia sentido, foram eles que me ensinaram a aceitar e a perdoar, foi através deles que me apercebi do que era o amor incondicional.

É por isso que quando oiço os pais da minha geração dizer que vão dar ou já dão aos seus filhos tudo o que nunca receberam dos seus próprios pais, eu lhes digo sempre que vou dar ao meu filho exatamente o mesmo que recebi deles: vou dar o meu melhor assim como eles mo deram a mim; na esperança, claro, de que o meu melhor, com todos os erros que possa cometer, seja um dia entendido e aceite pelo meu filho como algo natural tendo em conta a minha história e a evolução a que todos estamos sujeitos.

Só é possível perdoarmos os nossos pais se formos corajosos ao ponto de nos colocarmos na pele deles. E só é possível recuperá-los se, através da experiência anterior, tivermos a humildade para perceber que tudo o que foram connosco era, afinal de contas, e considerando a história que lhes contaram e depois escreveram, o melhor que sabiam ser.

Nós, filhos que recentemente nos tornámos pais, temos um papel fulcral na unificação da família. É nossa responsabilidade abraçar a dor que sentimos em relação aos nossos progenitores e transformá-la, definitivamente, em amor para que, dessa forma, eles se possam perdoar de uma vez por todas pelos erros que cometeram e agora reconhecem e se permitam ser avós por inteiro; é nossa responsabilidade sermos verdadeiros em casa, connosco e com as pessoas com quem partilhamos o nosso destino, pois a verdade é o caminho; e é nossa responsabilidade fazer dos erros lições, da dor gratidão e da educação um compromisso eterno.

Somos todos bons pais quando damos o nosso melhor.
Somos todos bons filhos quando aceitamos o melhor dos nossos pais.
Mas seremos todos melhores pais quando soubermos quem somos.
E teremos melhores filhos quando o amor for a nossa prioridade.
Eles nasceram para nos ensinar e para aprender connosco.
É este compromisso que temos de abraçar todos os dias.